

Ruth Guimarães

Uma romancista negra na imprensa brasileira dos anos 1940

Ruth Guimarães: a black novelist in the 1940s Brazilian press / Ruth Guimarães: una novelista negra en la prensa brasileña de los años 1940

Silvio D'Onofrio

Doutor em História Social pela
Universidade de São Paulo (USP)
opeltrezero@gmail.com

RESUMO

O artigo busca refletir sobre a trajetória da professora, pesquisadora, tradutora, jornalista, poetisa, contista e romancista Ruth Guimarães Botelho (1920-2014), especialmente sua aproximação com os meios jornalísticos da metade dos anos 1940, ambiente predominantemente composto por homens brancos, em um momento crítico para o trabalho intelectual, dada a censura imposta pela ditadura do Estado Novo.

Palavras-chave: Ruth Guimarães; imprensa; romance.

ABSTRACT

The article seeks to reflect on the trajectory of the teacher, researcher, translator, journalist, poet, short story writer and novelist Ruth Guimarães Botelho (1920-2014), especially her approach to the media of the mid-1940s, an environment predominantly composed of white men, at a critical moment for intellectual work, given the censorship imposed by the Estado Novo dictatorship.

Keywords: Ruth Guimarães; press; novel.

RESUMEN

El artículo busca reflexionar sobre la trayectoria de la profesora, traductora, periodista, poeta, escritora de cuentos y novelista Ruth Guimarães Botelho (1920-2014), especialmente su acercamiento a los medios de comunicación de la década de 1940, un ambiente predominantemente compuesto por hombres blancos, en un momento crítico para el trabajo intelectual, dada la censura impuesta por la dictadura del Estado Novo.

Palabras clave: Ruth Guimarães; prensa; novela.

Vista a partir da posteridade, a história de Ruth Guimarães Botelho (1920-2014) parece demonstrar apenas uma trajetória de sucesso e realizações. Mas é uma história, antes de tudo, ilustrativa das dificuldades impostas às mulheres, em geral, e às mulheres negras, em particular, em busca de sua independência – pela livre e universal condição de viver, enquanto ser humano, portanto dotada dos mesmos direitos dos demais, e também em busca de se estabelecer profissionalmente. Nesse sentido, os enfrentamentos pelos quais Ruth Guimarães teve que passar para ser respeitada como todo ser humano é digno de ser, e também para desenvolver sua carreira, na chamada Era Vargas, período em que se iniciou política e profissionalmente, pode-se considerar, largamente, como ainda não alterados em essência. Apesar da escassez na disponibilidade de fontes documentais, que por outro lado patenteiam o deliberado processo de apagamento da memória do protagonismo negro ante o poder estabelecido, majoritariamente branco, no início do século XX (Nascimento, 2008), pelos registros biobibliográficos e testemunhais, pode-se concluir, lamentavelmente, que muito ainda há que ser feito para que se possa afirmar que há equidade, respeito à igualdade de direitos entre as pessoas, tanto no Brasil de ontem quanto no de hoje. Por isso se verifica a necessidade de estudar trajetórias de vida como aquela que Ruth Guimarães construiu com tanto afincio.

Nascida em Cachoeira Paulista, São Paulo, Ruth Guimarães torna-se órfã aos 17 anos de idade e ainda na juventude passa a morar em São Paulo. Volta para o interior e, alguns anos mais tarde, em 1938, retorna definitivamente para a capital. Forma-se em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e passa a colaborar em periódicos com artigos de crítica, reportagens, crônicas e contos. Seu primeiro texto publicado na grande imprensa ocorre em 1939, pelas mãos de Edgard Cavalheiro, colega de Ruth nos encontros diários ao redor do balcão da drogaria Baruel, no centro de São Paulo.¹ A autora rememora o auxílio recebido de Cavalheiro: “ele estava inventando um jornal, um jornal literário, e foi a primeira pessoa que escreveu alguma coisa minha porque ele publicou uma poesia”.² Em outro momento, mas ainda sobre o seu início de carreira e a figura de Edgard Cavalheiro, acrescentou Ruth Guimarães: “Parecia que levava a sério o que eu escrevia, não ensaiava para dizer que isso ou aquilo não prestava, e foi o primeiro a publicar versos meus, no antigo Roteiro. [...] [Posteriormente,]

¹ Para informações sobre o grupo da Baruel, ver: D’Onofrio, 2017.

² Intitulado “Caboclo”, o poema referido pela autora foi impresso à página nove da edição de número um de Roteiro: quinzenário de cultura, de 5 de maio de 1939 (Guimarães, 2010; 2013).

Roteiro continuou a publicar coisas minhas que estavam com o Edgard Cavalheiro” (Ruth..., 1946).

Sobre os encontros na drogaria Baruel, assim se referiu Ruth Guimarães a essas tertúlias, recuperando os laços de amizade entre o romancista mineiro Amadeu de Queiroz, então farmacêutico-chefe da Baruel, e novamente Edgard Cavalheiro: “E era lá a Baruel do velho Amadeu. Do velho Amadeu e do Edgard Cavalheiro, os dois eram muito amigos. E era uma desordem completamente desorganizada. E entrava e saía gente e às vezes a gente tinha cinco minutos para ficar. Ficava em pé e encostado no balcão... De vez em quando aparecia uma cadeira” (Guimarães, 2010). Em outro momento, assim se referiu a escritora àqueles encontros ao redor do veterano Amadeu de Queiroz: “A roda da Baruel era uma verdadeira escola de literatura. Velho Amadeu exigia dos moços, em primeiro lugar, a vivência. Sem o conhecimento vivido, nada feito como obra de arte” (Guimarães, 2012).

A roda da Baruel parecia servir, também, como posto de encaminhamento ao trabalho intelectual. Um dos casos que aparentemente tiveram impulso em sua carreira profissional frequentando a drogaria Baruel foi o da escritora Ruth Guimarães. A história que a própria dona Ruth deixou registrada em algumas entrevistas e depoimentos é a seguinte: ainda muito moça, numa tarde, Ruth bate à porta de uma certa casa na rua Lopes Chaves, na Barra Funda, na capital de São Paulo, empunhando um caderno de poemas manuscritos, todos de sua autoria. Ela queria que Mário de Andrade visse sua produção e a aconselhasse, pois ela tencionava tornar-se escritora. O autor a atendeu à porta de casa e explicou estar muito ocupado naqueles dias. Dessa forma, sugeriu que a moça se encaminhasse para a drogaria localizada na esquina da rua Direita com a praça da Sé, que o farmacêutico de lá, amigo de Mário e das letras, certamente teria um conceito para os seus poemas. Segundo Ruth, “conheci Amadeu de Queiroz indiferentemente por intermédio de Mário de Andrade. Andava eu preocupada com o demônio e a ressonância das suas proezas na tradição oral, quando Mário me disse: – Por que você não procura aquele farmacêutico da Baruel, o Amadeu de Queiroz? Sabe coisas fabulosas. Ele é grande”³

E assim foi. Logo fazendo amizade com Amadeu de Queiroz, poucas semanas depois Ruth Guimarães tem a sua estreia literária: um poema de sua autoria é publicado no jornal *Roteiro: quinzenário de cultura*. Ruth

³ Guimarães, Ruth. Uma lição aos moços. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 15 jun. 1957, p. 20. Acervo Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, USP.

tem, nesse momento, 19 anos de idade. Alguns anos depois, em 1946, estreia seu primeiro romance, *Água funda*, pela livraria do Globo, recebida novamente pelas mãos de Edgard Cavalheiro, seu colega de Baruel e gerente da mesma livraria em São Paulo. Alguns anos mais tarde, Ruth faria a seleção e o prefácio de uma antologia de contos escritos por Amadeu de Queiroz, livro publicado pela Cultrix de São Paulo (Queiroz, 1963), editora que possui Edgard Cavalheiro entre seus fundadores, ele que também é padrinho de um dos filhos de Ruth Guimarães, homônimo do mestre Machado de Assis (Guimarães, 2010).

Nascido em 1873, em Pouso Alegre, Minas Gerais, tendo sido juiz de paz e com livros já publicados, Amadeu de Queiroz atuou como uma espécie de aglutinador da juventude ávida por ganhar o mundo das letras naquela época. Por ser cerca de 25 anos mais velho do que a maioria dos frequentadores da drogaria, é interessante como nos depoimentos dos integrantes da Baruel é frequente a menção a uma postura professoral de Amadeu de Queiroz, mas, ao menos em seus depoimentos públicos, a impressão que se tem é a de que Amadeu se esforça para negar essa imagem, escusando-se de possíveis responsabilidades pela formação e encaminhamento de muitos que por lá passaram. Em escritos memorialísticos de cunho mais íntimo, no entanto, talvez por esse motivo ainda inéditos em livro, Amadeu, no entanto, revela outro lado, narrando um episódio com Ruth Guimarães que, apesar de extenso, elucida questões também sobre a trajetória da autora de *Água funda*:

Eu me desanimava vendo tanta gente assim de talento, cheia de ideias e de movimento, moços que poderiam vir a ser os grandes de uma literatura imensa, desamparados, perdidos irremediavelmente, por falta de instrução, de meio literário, de mentor que, por amor às letras, e admiração pelo talento, pacientemente os guiasse pelo caminho certo. Nenhum deles encontra amparo, estímulo e orientação por parte dos escritores velhos, fogem deles para fugirem da indiferença ou do desdém. Porque não sou como eles, ajudei muita gente orientando, ensinando, criticando os que, pelo seu talento, mereciam apreço. E tudo eu cumpria com tão boa vontade e tamanha satisfação que acabei crítico e revisor de romances e outros trabalhos de fôlego, de estreantes que me procuravam pedindo-me a opinião e os conselhos. Muitas vezes conversei longamente sobre tudo isso com Mário de Andrade – outro como eu com relação à boa vontade de ajudar os novos – e concluíamos invariavelmente que esse era o nosso dever. Vem a propósito contar-se o caso da estreia de Ruth Guimarães, que não se deu como foi relatado pela imprensa e como corre nos meios literários. Encontrei-me num concerto com Mário de Andrade e, de passagem, ele me disse

sem mais comentários: “ – Mandei-lhe uma escritora novíssima – tenha paciência com ela”. Alguns dias depois, fui procurado pela novíssima, moça de óculos, retraída, falando pouco: o indispensável para expor o que pretendia – era Ruth Guimarães Botelho – como se apresentou. Até aquele momento não a conhecia nem de vista, nem de nome, não sabia da sua existência. Contou-me ela que havia procurado Mário de Andrade para lhe pedir a opinião sobre seu trabalho folclórico e que ele lhe havia dito que andava muito atarefado na ocasião, mas me procurasse, que eu, em matéria de folclore, era tanto como ele (pois sim!). Não conversamos mais porque a moça era de pouca prosa, e, recebendo os originais, marcamos prazo para outro encontro.

O trabalho que escreveu era de quem começa, tinha apreciável merecimento, mas não me agradou muito – por motivos que agora não vêm ao caso – e isso ela percebeu quando nos encontramos mais tarde e lhe dei a minha opinião; não só percebeu como entristeceu também um pouco. Então lhe perguntei, por simples curiosidade, se não tinha algum outro trabalho escrito, e ela me respondeu com firmeza e simplicidade: “ – Tenho um romance”. Ora, eu que sempre fui curioso dessas coisas e gosto de procurar o que os outros evitam achar, pedi os originais para ler e, no dia seguinte, ela voltou com eles.

Com a minha habitual disposição encetei a leitura e, ao chegar à página quatro, voltei atrás para reler com toda a atenção, e assim fui indo – avançando e retrocedendo – até o fim do romance, alcançado em poucas horas. Não encontrei nele o que censurar, suprimir, acrescentar – a escritora havia escrito um romance, e dizendo isto tenho dito tudo. Só não gostei do título: chamava-se “Mãe d’água”, ou “Mãe do ouro”, não me lembro bem.

Cheio de entusiasmo por ter dado com um verdadeiro talento, procurei o Edgard Cavalheiro, crítico de longa prática, conciso e desabotoado, ao mesmo tempo representante da livraria do Globo, de Porto Alegre. Contei-lhe o caso da moça e do romance, disparei-lhe em cheio o meu entusiasmo, ele também me disparou um olhar de espanto porque, tanto ardor assim, da minha parte, era de se espantar! Guardou os originais que lhe confiei, depois leu o romance e, a seu pedido, outras pessoas leram, inclusive o Jorge Amado, que andava por aqui e que foi até o meio [...] e todos, por fim, sem discrepância, gostaram do livro.

A escritora foi chamada, recebeu os merecidos cumprimentos de vários escritores, assinou um contrato com a Globo e o romance foi publicado com o título de *Água funda*. O resto é sabido.

Não descobri nem emendei, não corrigi nem apadrinhei a escritora Ruth Guimarães, encontrei-a moça de vinte anos e já romancista.⁴

4 Queiroz, Amadeu de. *Manicuera*. Manuscrito inédito. São Paulo, 1951, p. 57-60. Acervo

Fica claro, portanto, que Amadeu auxiliou escritores, mas não Ruth Guimarães, no caso de *Água funda* pelo menos, coisa que a imprensa parecia querer confundir.

Como se percebe, Amadeu de Queiroz, Ruth Guimarães e Edgard Cavalheiro travam muitos contatos e sedimentam forte amizade. Este último também encaminha trabalhos de Ruth Guimarães para a livraria do Globo, que publica o primeiro romance dela em 1946, *Água funda*, e para a editora Cultrix, editoras para as quais a autora vale-paraibana passa a colaborar com frequência, participando também da elaboração de novos livros: de própria autoria, traduzidos ou revisados, somando mais de quarenta livros publicados que levam o seu nome na capa ou na ficha técnica. Por meio de tanto trabalho, Ruth acaba por tornar-se funcionária dessas duas editoras, desempenhando o trabalho de jornalista, redatora e repórter para a sulina Revista do Globo, da livraria do Globo, por anos. Pela Cultrix e pelas editoras Edições de Ouro e Círculo do Livro, traduz Dostoiévski, Daudet, Balzac e Apuleio.

Ruth Guimarães destacou-se também em estudos folclóricos e a composição da obra magna, *Água funda*, foi impulsionada por suas pesquisas de campo na região do vale do rio Paraíba do Sul, no interior da região Sudeste, abrangendo áreas dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Sobre o conteúdo de *Água funda*, assim se pronunciou Ruth Guimarães em entrevista jornalística: “foi como montar um gigantesco quebra-cabeça com pedaços que vieram, pouco a pouco, trazidos por contadores de casos entre os anos de 1928-1929” (*Água funda...*, 1946, p. 30).

Essa dedicação de anos colecionando informações – muitas delas de fontes orais, deixou marcas sensíveis na produção da autora. Apenas uma rápida leitura dos títulos de alguns de seus livros, sem mencionar os muitos artigos publicados em jornais e revistas, além de capítulos de livros em obras de terceiros, e mesmo as antologias organizadas por ela, claramente indicam sua ocupação acerca dos temas da cultura regional e do patrimônio imaterial: *Lendas e fábulas do Brasil* (1972), *O mundo caboclo de Valdomiro Silveira* (1974); *Medicina mágica: as simpatias* (1986); *Crônicas vale-paraibanas* (1992); *Contos de cidadezinha* (1996); *Histórias de onça* (2008); *Histórias de jabuti* (2008).

Além de *Roteiro: quinzenário de cultura* e *Revista do Globo*, já mencionados, entre os adicionais veículos de comunicação para os quais Ruth Guimarães colaborou, encontram-se: *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Folha de S.*

Paulo, Correio Paulistano, A Gazeta, Diário de S. Paulo, Noite Ilustrada, O Globo, Quatro Rodas, Jornal de Notícias, Revista da ABDE, Atualidades Literárias, A Notícia, A Novela do Bonde, A Região, Ângulo e Vale Paraibano.

Ruth Guimarães foi profícua tradutora, além de especialista em pesquisas folclóricas e estudos da região do Vale do Paraíba; foi professora de língua portuguesa na rede pública por cerca de trinta anos, assim como em colégios e faculdades da capital e do interior de São Paulo. Integrou o Conselho Estadual do Folclore, o Centro de Pesquisas Folclóricas “Mário de Andrade”, a Sociedade Paulista de Escritores e, nos anos 2000, foi secretária de Cultura do município de Cachoeira Paulista, sua cidade natal. Foi membro da União Brasileira de Escritores e também da Academia Paulista de Letras onde, em 2008, conquistou a cadeira de número 22, tendo sido a primeira escritora negra eleita neste sodalício.

Entre suas principais obras, destacam-se: *Água funda* (1946), *Os filhos do medo* (1950) e *Dicionário da mitologia grega* (1972). Em 2018, o selo paulistano Editora 34 publicou *Água funda* de acordo com as regras modernizadas do idioma. Esta edição mereceu o prefácio de Antonio Candido.

Sobre a estreia literária de Ruth Guimarães em livro e a publicação de *Água funda*, providenciados pelo escritório paulista da livraria do Globo, testemunhou o empresário dos meios editoriais, Nelson Palma Travassos – mencionando a trajetória de Edgard Cavalheiro:

Inicialmente entrou ele para a Globo na qualidade de elemento de ligação entre os intelectuais paulistas e a editora. A princípio cuidava só desse aspecto, estando a parte comercial entregue a um outro representante. Nessa atividade, levou Edgard Cavalheiro para a Globo muitos originais de paulistas, e principalmente de paulistas modernos, como Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, e outros, como Ruth Guimarães, Amadeu de Queiroz [...]. Enfim, o apoio intelectual e material para aceitação das suas obras no estado de São Paulo foi tal que a Globo pensou em transferir para a capital deste estado a sua seção editorial. Mas veio a guerra, e a ideia foi abandonada. (Travassos, 1954)

Ainda sobre a participação de Ruth Guimarães no grupo da Baruel, e também a de outros jovens escritores, Mário da Silva Brito, um dos integrantes, recordou daqueles tempos em uma crônica intitulada “A drogaria Baruel”:

Foi há muitos anos, mas deixe-me dizer que não faz tanto tempo assim [...]. Pela drogaria, passavam – uns com regularidade diária, outros de quando em quando, – o Edgard Cavalheiro, sempre com pressa porque dava expediente no

Banco do Estado, mas em plena euforia de estar biografando Fagundes Varela; o romancista Antônio Constantino, barulhento e escandaloso; o jornalista Fernando Góes, serelepe da inteligência, um dialético temível e autor de lindos contos jamais escritos; o poeta Jamil Almansur Haddad, de olho nos prêmios da Academia Brasileira de Letras; Leão Machado, recém-vindo do interior com trabalhos especializados sobre a organização burocrática da administração paulista e vários romances na gaveta; o estreante Maurício de Moraes, feliz com a publicação de *Quando as estrelas descerem*; o didata Hildebrando de Lima, preparando verbetes para o *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* que, com Joaquim Maciel Filho e Rossine Camargo Guarnieri, discutia sobre o marxismo e tudo analisava sob o ângulo do materialismo histórico; o repórter Maurício Loureiro Gama, que anunciava o romance *Vida, paixão e morte do funcionário público*; o escritor Mário Donato, que fazia versos, jornalismo e textos de propaganda na *Eclética* ao lado de Orígenes Lessa, pouco assíduo este às tertúlias; João de Araújo Nabuco, que prometia uma biografia de Líbero Badaró; o misterioso Mauro de Alencar sobraçando estranhas revistas; o caladão Edmundo Rossi, que escrevia um romance à Chesterton, afora uns poemas tristíssimos e revoltados; a romancista Ruth Guimarães, às voltas com um estudo folclórico sobre o diabo; Oswald de Andrade, que queria fundar a *Academia Baruel* e fazer dela uma espécie de Goncourt bandeirante que ofuscasse a Academia Paulista de Letras; e mais Paulo César da Silva, Nelson Palma Travassos, James Amado, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Milliet e Mário de Andrade, que aparecia raramente, mas mandava cartas ao velho Amadeu, uma das últimas consultando-o sobre a “técnica de poço”, de que precisava de informações para um conto que escrevia.⁵ Compareciam também, entre tanta gente que frequentava a farmácia, cada grupo com seu inflexível horário, algumas veneráveis figuras que os jovens irreverentemente alcunhavam os “canastrões do Instituto Histórico”... Formávamos uma comunidade entusiasta, preparando-se para o futuro, planejando, sonhando, compartilhando projetos e ilusões.

⁵ Em algumas cartas, trata-se da grafia e significação de expressões pitorescas do mundo rural, com Amadeu esclarecendo pontos àquele que ele trata como “meu caro mestre e amigo Mário de Andrade”. A carta com informações do poço é datada novembro de 1942 (Queiroz, Amadeu de. *Carta a Mário de Andrade*. nov. 1942. Arquivo Mário de Andrade, IEB/USP, ref. doc. MA-C-CPL-6019). A linguagem de Amadeu de Queiroz ficou registrada como fonte de pesquisa em obra de outro frequentador da Baruel, David Antunes, que fez imprimir: “Glossário das palavras contidas nesse livro / Fontes consultadas: / Amadeu Amaral – O dialeto caipira / Amadeu de Queiroz – João / Caldas Aulete – *Dicionário contemporâneo*” e mais seis nomes (Joé, 1945, p. 5). Outro escritor impactado pela prosa de Amadeu de Queiroz parece ter sido João Guimarães Rosa. É o que se depreende do depoimento deixado por Mário da Silva Brito: “Guimarães Rosa achava o João um dos maiores romances da literatura brasileira de todos os tempos. Isso ele disse a mim” (Brito, 2002).

Porém, o tempo foi passando e, como se diz em linguagem conservadora, “tomamos rumo na vida”, o que significa – ó dolorosa verificação! – que nos fizemos fantasmas dos nossos sonhos. Cada um foi para o seu lado, a drogaria sumiu do mapa, Amadeu foi para o cemitério, seguiram-no vários outros, o grupo dissolveu-se. Mas, felizmente, ficou, em cada um de nós, uma parcela ponderável daqueles dias de antanho.

O que salvou muitos de nós, no envolver do nosso destino, foi mesmo o nosso lado Baruel. (Brito, 1970, p. 82-84, grifos do autor)⁶

Outro empreendimento jornalístico e editorial que aproximou Ruth Guimarães de alguns dos personagens já mencionados anteriormente, foi a revista cultural paulista intitulada *Atualidades Literárias*. O periódico surgiu no âmbito da “Sociedade Livro-do-Mês Ltda.”, entidade fundada em junho de 1944 com o objetivo indicar para o público leitor o lançamento literário de melhor qualidade, conforme juízo de um corpo de notáveis, o “Conselho de Críticos da Sociedade”, responsável pelas apreciações literárias. Esse conselho era composto por alguns dos remanescentes dos encontros na Baruel, entre outras pessoas, e que, num segundo momento, foram acrescidas de mais algumas. Do primeiro grupo faziam parte: Monteiro Lobato, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Rui Bloem, Galeão Coutinho, Edgard Cavalheiro e Mário da Silva Brito, todos sócios no empreendimento.⁷

Apesar do histórico de trabalhos, da divulgação de campanhas publicitárias e cobertura, até mesmo elogiosa,⁸ da imprensa especializada, a Livro-do-Mês parece não ter causado impactos de grande monta e a longo prazo, no mercado editorial ou na cultura, mesmo local. Sabe-se que gerou-se certa agitação no mercado de traduções, promovendo o lançamento de vários títulos internacionais em traduções inéditas, graças à afinidade com pessoas do meio editorial.

Planejada para ser lançada juntamente com a criação da sociedade, a edição de *Atualidades Literárias* foi proibida, pelos órgãos de censura, de circular por dois anos. Esclarece o texto de caráter editorial

⁶ Publicado anteriormente, com alterações, no suplemento literário de *O Estado de S. Paulo*, em 26 fev. 1964, p. 40. A transcrição preservou os destaques impressos em livro.

⁷ O que é a Sociedade Livro-do-Mês Ltda. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 8 set. 1945, p. 59. Acervo Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, USP. Para informações sobre a Sociedade Livro-do-Mês, ver: D’Onofrio, 2012, p. 21.

⁸ Reverbel, Carlos. Livro de mês. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 8 mar. 1947, p. 18. Acervo Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, USP.

à página inicial da edição de número um da revista:⁹ era intenção da Livro-do-Mês editar, assim que a sociedade foi composta, em 1944, sua *Atualidades Literárias*. O capitão Amílcar Dutra de Menezes, então diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do obtuso governo Getúlio Vargas, no entanto, impediu a circulação da revista. Outro capitão do Exército brasileiro, oficial de sobrenome Arvoredó, classificou a empresa responsável por *Atualidades Literárias* como “uma organização fascista”. O primeiro número é finalmente editado em julho de 1946 (Grifo 7, 1946).

Atualidades Literárias circulou por cerca de dois anos, tornou-se propriedade da Câmara Brasileira do Livro e teve entre seus colaboradores assíduos, além dos proprietários, Ênio Silveira, José Geraldo Vieira, Nelson Werneck Sodré, Orígenes Lessa, Sérgio Milliet e mais gente da Baruel: Fernando Góes e Ruth Guimarães. Foi um periódico que alcançou certa repercussão, auxiliada, eventualmente, pela divulgação de trabalhos inéditos de autores como Mário de Andrade, já falecido naquele momento, e outros. Essas publicações inéditas podem demonstrar o bom trânsito que a redação da revista tinha com pessoas representativas no meio cultural e literário da época, possivelmente relações advindas de alguns anos anteriores, ao redor do balcão de uma certa drogaria no centro de São Paulo.

Ruth Guimarães escreve para *Roteiro: quinzenário de cultura*

Ruth Guimarães escreveu ao menos três vezes para o jornal cultural do grupo da Baruel. Não se conseguiu apurar assertivamente quantos foram os artigos publicados, porque o acervo localizado desse quinzenário é restrito, compreendendo um total de 15 edições, em um período de circulação que se inicia em maio de 1939 e segue até, aproximadamente, 1941 (não se encontrou evidência que pudesse confirmar esta data), ao menos em uma primeira fase do periódico – porque depois há alterações em forma e conteúdo, como que direcionando o jornal para uma segunda fase, na qual permanece sendo editado por mais alguns anos.

O terceiro de seus artigos editados em *Roteiro* encontra-se na seção intitulada “Página da Mulher”, que era efetivamente uma página inteira, contendo alguns artigos e tendo por redatoras, em alguns dos números do

⁹ Começo de conversa. *Atualidades Literárias*, São Paulo, jul. 1946, p. 1. Acervo Edgard Cavalheiro, Centro de Documentação Alexandre Eulalio, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.

jornal, Alice Guarnieri, Margarida Izar e Olga Biar. Margarida Izar é considerada, pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, como a primeira mulher repórter no Brasil (Ribeiro, 1998). Posteriormente, fez longa carreira nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Interessa notar, no entanto, a existência de uma página feminina, feita por elas e para elas, em um periódico especializado na crítica às artes.

O artigo de Ruth Guimarães é um conto inédito, até então, e foi redigido para ser publicado especificamente em *Roteiro*, como indicam os dizeres “para *Roteiro*”, logo após o nome da autora. O título do conto é “Na caserna...” e ele apresenta um diálogo irônico, entre um sargento e os recrutas do seu batalhão, passado no ambiente de um quartel.¹⁰

O segundo de seus artigos, também inédito e escrito “para *Roteiro*”, é uma crítica à obra de Machado de Assis. Intitulado “Machado de Assis”, o artigo de Ruth Guimarães aponta a timidez descritiva, concernente às belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro, na obra do consagrado escritor do Cosme Velho.¹¹

O primeiro texto de Ruth Guimarães publicado em *Roteiro* foi também sua primeira publicação em vida, conforme apresentado anteriormente. Ele foi veiculado já na edição príncipe do periódico, em local de destaque, no canto superior esquerdo da página nove, e, por ter permanecido por décadas não localizado – nem mesmo a veterana autora tinha uma cópia do seu poema de estreia literária (Guimarães, 2013), além de aparentemente nunca ter sido republicado, transcrever-se-á, a seguir, o texto em sua integralidade. Trata-se do poema intitulado “Caboclo”, cuja transcrição buscou preservar a quebra de linhas e o espaçamento indicados no original, e algumas palavras tiveram a sua grafia modernizada.

Caboclo¹²

Olha em torno, caboclo, e vê que nada falta
para seres feliz.

¹⁰ Guimarães, Ruth. Na caserna... *Roteiro*: quinzenário de cultura, São Paulo, ed. 6, 20 jul. 1939, p. 10. Arquivo Edgard Leuenroth, Centro de Pesquisa e Documentação Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

¹¹ Guimarães, Ruth. Machado de Assis. *Roteiro*: quinzenário de cultura, São Paulo, ed. 4, 21 jun. 1939, p. 4. Arquivo Edgard Leuenroth, Centro de Pesquisa e Documentação Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

¹² Guimarães, Ruth. Caboclo. *Roteiro*: quinzenário de cultura, São Paulo, ed. 1, 5 maio 1939, p. 9. Prontuário Quirino Pucca, Acervo Deops, Apesp.

No chão de terra socada
um pé de mato e uma esteira,
à sombra da gameleira do quintal.
A choupana onde a viola pendurada
sugere descantes líricos,
– porque tu és também sentimental
– só tem uma janela
como a casinha amarela do João-de-Barro.
É pequena para os ambiciosos da cidade.
Mas tu cabes tão bem dentro dela,
com tua felicidade!

Tu és tal qual um passarinho solto
que vive não sabe como, voa, não sabe por quê.
Mas canta porque está alegre;
porque cantar é uma necessidade da sua garganta;
que canta contra a vontade;
que canta mesmo não tendo nem mágoas para espantar.

Caboclo feliz!
Não tens problemas.
Nem mesmo o X de uns olhos claros de mulher.

Teu romance é simples como é simples tua vida:
queres uma cabocla bonita que te quer.
Que usa vestido de chita, uma flor nos cabelos,
e anda bamboleando os quadris,
com um não sei quê de feliz no sorriso feliz.

E tem um riso claro que aflui dentre os dentes brancos,
como dentro os barrancos aflui a música das corredeiras.
E tem cheiro de planta pisada
esmagada,
planta boa que perfuma o pé que a maltratou.
E movimentos sinuosos de veio d'água coleante;
e suavidades de rola enamorada;
ingenuidades,
sutilezas,
maciezas de seda...
... e até gosto:
gosto de fruta verde, ité, ácida, azeda,
mas cheirosa e gostosa como o quê.

Tu também sonhas, caboclo:

“... capim melado ondulando nos cerros...

Uma vaquinha mansa...

Uma esperança na fartura da colheita...”

Depois o rancho melhorado e a cabocla ao teu lado.

... e a vida inteira tão boa, tão linda, tão igual,
como a vida dos pássaros, das flores...

Dos rios que rolam...

De rolas que arrulham...

Mas no dia em que chega o desengano,

resignado, filósofo do mato.

Tu deitas na esteira, olhas longe e resmungas:

“Podia ser pior”.

Consola-te, caboclo, que esta vida é assim mesmo.

E a gente está sempre querendo

qualquer cousa melhor.

Roubaram-te o teu sonho que adoravas?

Carrega-te de flores

como os ipês dourados das campinas:

aceita a lição de ouro dessas flores pequeninas!

A vida não é má.

És o culpado se te desiludes

pois a sonhaste melhor do que ela é.

Olha o teu rancho de sapé,

a passarada no arvoredado,

cantando a eterna canção das frondes e dos ninhos.

Nada está diferente porque sofres.

É tudo a mesma cousa.

Foi apenas a tua alma que mudou.

Somente os ipês floridos se desfolham

como o teu sonho já se desfolhou.

Conforme se verifica, a composição registra o modo de vida simples, frugal e mesmo pastoril, que poderia ser identificado com a figura do caboclo, ou de um caboclo idealizado, sonhador, que trabalha, ama e também se desilude com a imperfeição humana. Retrospectivamente poder-se-ia dizer, então, que, desde o seu primeiro registro na mídia

impressa, Ruth Guimarães deixa ver alguns dos temas fundamentais de sua obra, quais sejam, aqueles relativos à figura do homem simples, da gente do interior do estado. É um dos motivos predominantes em sua produção, segundo a própria autora: “Eu conto a história da roça, de gente da roça, do caipira. Eu também sou caipira, modéstia à parte” (Silva, 2008).

Fontes

Centro de Documentação Alexandre Eulalio, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Acervo Edgard Cavalheiro

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo DEOPS

Centro de Pesquisa e Documentação Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Arquivo Edgard Leuenroth

Acervo Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP)

Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo (USP). Arquivo Mário de Andrade

Acervo Academia Paulista de Letras. Obras Raras, Fundo Amadeu de Queiroz

Referências

ÁGUA funda – Ruth Guimarães, Editora Globo, Cr\$ 18,00. *Atualidades Literárias*, São Paulo, out. 1946. p. 30.

BRITO, Mário da Silva. A literatura ensinou-me a viver. Entrevista concedida a Maria Augusta Fonseca e Telê Ancona Lopez. *D.O. Leitura*, São Paulo, n. 11, nov. 2002.

_____. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

D'ONOFRIO, Silvio Cesar Tamasso. *O grupo da Baruel e a intelectualidade paulista nos anos 1940*. 2017. 348 f. Tese (Doutorado em História Social. Orientação: Paulo Teixeira Iumatti) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 2012. 386 f. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras. Orientação: Marcos Antonio de Moraes) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GRIFO 7. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jul. 1946.

GUIMARÃES, Ruth. *Ruth Guimarães: depoimento*. Entrevistador: Silvio Tamasso D'Onofrio. Cachoeira Paulista, SP, 31 jan. 2013.

_____. *Velho Amadeu, o carimbamba. Trabalhos acadêmicos*, São Paulo, 20 out. 2012. Disponível em: <http://apoioerevisao.blogspot.com.br/2012/10/velho-amadeu-o-carimbamba.html>. Acesso em: 6 jul. 2018.

_____. *Ruth Guimarães: depoimento*. Entrevistador: Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 abr. 2010.

JOÉ, Iago [David Antunes]. *Briguela: romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O movimento social afro-brasileiro no século XX: um esboço sucinto. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

QUEIROZ, Amadeu de. *Histórias quase simples: contos escolhidos. Seleção e prefácio de Ruth Guimarães*. São Paulo: Cultrix, 1963.

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas: 1937 a 1997 – História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.

ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no jornalismo e o mercado para mulheres. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

SOCIOLOGIA, 11., 2003, Campinas. Anais...
Campinas: Unicamp, 2003.

RUTH Guimarães: a revelação literária de 1946.
Jornal de S. Paulo, São Paulo, 22 set. 1946.

SILVA, Cidinha da. Ruth Guimarães assume
vaga na Academia Paulista de Letras, aos 88
anos. *Blog da Cidinha*, 22 set. 2008. Dispo-
nível em: <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2008/09/ruth-guimares-assume-vaga-na-academia.html>. Acesso em: 6 jul. 2018.

TRAVASSOS, Nelson Palma. A contribuição edi-
torial paulista para a difusão nacional do li-
vro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 jan. 1954.

Recebido em 30/4/2019
Aprovado em 2/9/2019